

TRADUÇÃO, PARÁFRASE, PARÓDIA E COLAGEM EM MANUEL BANDEIRA*

VALMIKI VILLELA GUIMARÃES**

RESUMO

Esta pesquisa aponta categorias do processo de carnava-
lização, como tradução, paráfrase, paródia e colagem, usadas
por Manuel Bandeira em sua poética.

RÉSUMÉ

Cette recherche essaie de dégager, dans la poétique
de Manuel Bandeira, des catégories du processus de carnava-
lisation employées par l'auteur, telles que la traduction, la
paraphrase, la parodie et le collage.

* Parte de capítulo da dissertação de mestrado em Letras (Li-
teratura Brasileira): Evoê Momo. A poética do carnaval na
lírica de Manuel Bandeira. Belo Horizonte, Faculdade de Le-
tras da UFMG, 1982. (mimeografada).

** Professor de Literatura Portuguesa da FALE/UFMG.

"Quero cantar, como cantou Delfino,
As duas curvas de dois brancos pés!"

(Manuel Bandeira - "Ad instar delphini")

"Minha terra tem palmeiras,
Tem palmeiras do Mangue,
Onde canta o sabiá.
Minha terra tem cassinos.
E as boas que aqui requebram
Não requebram como lá."

(Luís Martins - "Minha terra tem idílios")

Manuel Bandeira foi um excelente tradutor de prosa, de poesia e de teatro, sendo bem extensa a relação de títulos que ele trouxe ao conhecimento do leitor de língua portuguesa. Esse trabalho intelectual proporcionou-lhe o contato com autores de várias épocas e de idiomas diversos, e serviu também para abrir-lhe perspectivas diferentes no trato da literatura. Não só a tradução transparente — aquela em que o tradutor "desaparece" — como também o múltiplo exercício da intertextualidade foram atividades muito profficuas para a obra de Bandeira.

A expressão de uma idéia, a constituição de um ambiente ou mesmo de uma sensação, captadas tanto pela leitura frequente quanto pela identificação com a obra alheia, proporcionam a Bandeira meios para refazer a atmosfera original em virtude da específica sensibilidade que ele possui.

Tradução, paráfrase, paródia, apropriação, influência — são processos de intertextualização de que Bandeira se utiliza em boa parte de sua obra. Às vezes o texto de partida foi de tal forma absorvido que só com o auxílio de uma pista é que pode ser reconhecido. Esse é o caso do poema "Teresa" que Bandeira dá como "tradução" do "Adeus a Teresa", de Castro Alves¹.

A primeira tradução publicada por Bandeira é a de um soneto de Ronsard², com o título de "Paráfrase de Ronsard". Essa tradução não é transparente e Bandeira mesmo denomina-a de psráfrase, ou seja, é uma interpretação com palavras próprias, mantido o pensamento original. Para facilitar o cotejo dos textos, transcrevo a seguir o poema de Ronsard e logo após o de Bandeira:

R O N S A R D.

"Je vous envoi un bouquet, que ma main
Vient de trier de ces fleurs épanies;
Qui ne les eût s ce vèpre cueillies,
Chutes à terre elles fussent demain.
Cela vous soit un exemple certain
Que vos beautés, bien qu'elles soient fleuries
En peu de temps cherront toutes flétries,
Et, comme fleurs, périront tout soudain.
Le temps s'en va, le temps s'en va, ma Dame.
Las le temps! non, mais nous nous en silons,
Et tôt seront étendus sous la lame
Et des amours desquelles nous parlons,
Quand serons morts, n'en sera plus nouvelle;
Pour ce aimez-moi, cependant qu'êtes belle."

B A N D E I R A

"Foi para vós que ontem colhi, senhora
 Este ramo de flores que ora envio.
 Não no houvesse colhido, e o vento e o frio
 Tê-las-iam crestado antes da aurora.
 Meditai nesse exemplo, que se agora
 Não sei mais do que o vosso outro macio
 Rosto nem boca de melhor feitio.
 A tudo a idade altera sem demora.
 Senhora, o tempo foge... o tempo foge...
 Um dia morreremos, e amanhã
 Já não seremos o que somos hoje...
 Por que é que o vosso coração hesita?
 O tempo foge... a Vida é breve e é vã...
 Por isso... amai-me... enquanto sois bonita."

Observe-se que o soneto está em forma de diálogo, ou melhor, dá a entender a existência de um falante e de um receptor da mensagem.

No texto original, a pessoa a quem o poeta se dirige só é nomeada no 9º verso, e na paráfrase está logo no 1º verso. Essa troca de posição confirma a prioridade que Bandeira dá ao erotismo, como se pode ver na correspondência da expressão "vos beautés, bien qu'elles soient fleuries", que Bandeira traduz por: "vosso (outro) macio rosto nem boca de melhor feitio".

O tema da morte, outra constante da lírica bandeiriana, mostra-se também nesta paráfrase de forma denotativa; Ronsard emprega um eufemismo evitando o verbo MOURIR: "Nous nous en allons / et tôt serons étendus sour la lame". E Bandeira explicita-o: "Um dia morreremos..."

Quanto ao epicurismo, que é uma das características de Ronsard, está aqui impregnado de um tom de melancolia. Bandeira, além de nomear a morte, substitui a melancolia pela premissa do gozo carnal, valorizando o carpe diem, como se pode ver no 13º verso. O que em Ronsard está apenas sugerido, conso ante a linha ideológica da lírica renascentista, em Bandeira é objetivado pela expressão forte de uma tendência toda sua.

Bandeira traduziu alguns poemas da americana Emily Dickinson. Um deles, composto por três estrofes de quatro versos, termina assim:

"And so, as kinsmen met at night
 We talked between the rooms,
 Until the moss had reached our lips,
 And covered up our names."
 (I died for beauty...)³

Essa estrofe, com poucas modificações, foi aproveitada por Bandeira num epicédio dedicado a seu amigo Jaime Ovalle:

DICKINSON

"E assim, como parentes que
uma noite se encontram
Conversamos de jazigo a jazigo,
Até que o musgo alcançou
nossos lábios
E cobriu nossos nomes."

("Beleza e Verdade" - PT)⁴

BANDEIRA

"Conversaremos longamente
De sepultura a sepultura
No silêncio das madrugadas
Quando o orvalho pingar
sem ruído
E o luar for uma coisa só."

("Ovalle" - Opus Dez)

Sã de Miranda, poeta renascentista português, em conhecido soneto, empresta a Bandeira elementos para a evocação da infância, como se pode ver nos textos abaixo:

"O Sol é grande, caem co'a calma as aves,
no tempo em tal sazão que sói ser fria;
esta água, que d'alto cai, acordar-m'ia
do sono não, mas de cuidados graves.
Ó cousas, todas vãs, todas mudaves,
qual é tal coração qu'em vós confia?
Passam os tempos, vai dia trás dia,
incertos muito mais que ao vento as naves."⁵

E o poema de Bandeira é assim:

ELEGIA DE VERÃO

"O sol é grande. Ó coisas
Todas vãs, todas mudaves!
(como esse 'mudaves'
que hoje é 'mudáveis'
E já não rima com 'aves')."

O sol é grande. Zinem as cigarras
Em Laranjeiras.
Zinem as cigarras: zino, zino, zino...
Como se fossem as mesmas
Que ouvi em menino.

Ó verões de antigamente!
Quanto o Largo do Boticário
Ainda podia ser tombado.
Carambolas ácidas, quantes de mormaço;
Água-morna das caixas-d'água vermelhas de ferrugem;
Saibro cintilante...

O sol é grande. Mas, ó cigarras que zinis,
Não sois as mesmas que eu ouvi menino.
Sois outras, não me interessais...
Dêem-me as cigarras que eu ouvi menino."

(Opus Dez)

Observe-se que Bandeira aproveita algumas das expressões e faz uma espécie de glosa do tema: um mesmo sol forte aquece os dois poetas; um ouve o rumor da água que cai do alto; outro, o zinir das cigarras. E ambos os elementos da natureza motivam a viagem introspectiva dos dois poetas. Um lamenta, no presente, o tempo passado; o outro quer recuperar a infância distante. Bandeira é elíptico e zombeteiro; Sá de Miranda medita com amargura.

Ainda nos clássicos portugueses, Bandeira "traduziu" para o "moderno" o soneto de Bocage:

"Se é doce no recente ameno estio
Ver tocar-se a manhã de etéreas flores
E lambendo as areias e os verdores
Mole, queixoso deslizar-se o rio.
Se é doce ver em terno desafio
O bando de voláteis amadores
Seus cantos modulando e seus amores
Entre a ramagem do pomar sombrio:
Se é doce mar e céus ver anilados
Pela quadra gentil do amor, querida,
Que alegra os corações, floreia os prados:
Mais doce é ver-te, dos meus ais vencida,
Dar-me, em teus brandos olhos desmaiados,
Morte, morte de Amor - melhor que a vida!"

Faço, a seguir, a transcrição do poema "traduzido" por Bandeira, por não constar da edição de Estrela da vida inteira:

"Doçura de, no estio recente,
Ver a manhã tocar-se de flores.
E o rio
 mole
 queixoso
Deslizar, lambendo areias e verduras
Doçura de ouvir as aves
Em desafio de amores
 cantos
 risadas
Na ramagem do pomar sombrio;

Doçura de ver mar e céus
Aniladoa pela quadra gentil
 Que floreia as campinas
 Que alegra os corações,
Doçura muito maior
De te ver
Vencida peloa meus ais
Me dar noa teua brandos olhoa deamaiadoa
Morte, morte de amor, muito melhor que a vida,
 puxa!"⁶

A "tradução", como ele denomina a reescritura, implica mudanças sintáticas ("se é doce" para "doçura de"), desmetaforização ("o bando de voláteis amadores" para "aves"), e a apropriação de um trecho de um poema de Mário de Andrade, como o próprio Bandeira esclarece:

"Meu gôso profundo ante a manhã Sol
a vida carnaval..."

Amigos
Amores
Risadas

..... "7

O texto de Bandeira, pela disposição gráfica, pelos cortes e modificações nos campos sintático e semântico, inclui-se no grotesco pelo acréscimo da última palavra, típica da linguagem coloquial.

Outro poema, "traduzido para o caçangue", como Bandeira explica, igualmente publicado no Brasil: 1º Tempo Modernista - 1917/1929⁸, é uma sextilha de Joaquim Manuel de Macedo. Mais bem realizado que o exemplo anterior, assim se apresenta o poema de Macedo:

"Mulher, irmã, escuta-me: não ames,
Quando a teus pés um homem terno e curvo
Jurar amor, chorar pranto de sangue
Não creias, não, mulher, ele te engana!
As lágrimas são galas da mentira
E o juramento manto da perfídia."

Para melhor compreensão da montagem do texto de Bandeira, veja-se o seguinte paralelo, através desta particular disposição dos versos:

MACEDO	BANDEIRA
"Mulher, irmã, escuta-me: (não ames)	"Teresa
Quando (a teus pés) um homem terno (e curvo)	se algum sujeito bancar o sentimental em cima de você e te jurar uma paixão do tamanho de um bonde
Jurar amor	se ele chorar, se ele se rasgar todo
Chorar pranto de sangue	se ele se ajoelhar
Quando a teus pés... curvo	Não acredita não Teresa
Não creias não, mulher	é tapeação
Ele te engana	é lágrima de cinema
As lágrimas são galas da mentira	mentira
E o juramento manto da perfidia	mentira
(Não ames)."	CAI FORA."

O texto de partida expressa a sua mensagem no dístico final, em linguagem que beira o gongórico. Bandeira mantém a mensagem, mas utiliza processos mais enfáticos, reforçando o verso final por um recurso gráfico bastante expressivo. Além disso, o tom hiperbólico, o registro popular ("bancar o sentimental em cima de você", "não acredita não", "do tamanho de um bonde", "cai fora"), valorizam o caráter de representação que está apenas esboçado na sextilha de Macedo, e que se concretiza plenamente no verso:

"É lágrima de cinema".

Em Macedo o conselho que está no final do 1º verso ("não ames") é diluído pela outra negativa "não creias" e pela mudança de pessoa: "Ele te engana". Bandeira desloca o conselho para o final, conserva a pessoa com quem fala e, do imperativo negativo, que é idêntico ao subjuntivo, ele muda para o afirmativo, usando ainda o recurso gráfico da caixa alta. Em suma, ele carnavaliza a sextilha de Macedo, transformando-a num "poema piada" típico da primeira fase do Modernismo.

Há quatro paródias que Bandeira denomina "ã maneira de..." e os poetas homenageados são Alberto de Oliveira, Olegário Mariano, Augusto F. Schmidt e e.e. Cummings. A Schmidt Bandeira dedicou esta quadra no Mafuá do Malungo:

"O poeta Augusto Frederico
Schmidt, de quem dizem que está rico,
Foi homem pobre, certificado
Mas o poeta foi sempre rico."

Poeta, jornalista, diplomata, empresário, Schmidt trabalhou também com companhia de seguros. Quanto à sua poesia, diz Mário da Silva Brito:

"Viu-se, nele, pela fluência do verso, pela volta ao subjetivo, pelo regresso ao 'eu' e ao confessional (...) o retorno à tradição romântica brasileira. À sua poesia de libertação vai acrescentar do notas místicas, inquietações religiosas. (...) Vai transbordar-se em ritmos largos, maleáveis, discursivos, grandiloquentes."⁹

Transcrevo, a seguir, alguns trechos do poema "Equilíbrio", de Schmidt, aqueles em que a paródia modifica significativamente o teor do poema, e, logo após, os trechos correspondentes do poema de Bandeira.

EQUILÍBRIO

"Há muito o meu coração estava seco.
 Há muito a tristeza do abandono,
 A desolação das cousas vagas e vazias,
 Entrara em mim me diminuindo.

.....
 A poesia voltou de novo, única solução para mim
 Única solução para o peso dos meus desenganos
 Depois de todas as outras soluções terem fugido.
 O amor, o ódio, a fé, o abandono, a riqueza. "10

 (grifos meus)

A MANEIRA DE AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

"Há muito o meu coração está seco.
 Há muito a tristeza do abandono,
 A desolação das coisas práticas
 Entrou em mim, me diminuindo.

.....
 A poesia voltará de novo, única solução para mim,
 Depois de todas as soluções terem falhado:
 O amor, os seguros, a água, a borracha.

 (grifos meus)

Outro exemplo de apropriação se dá no poema "Cossante" (LC), em que Bandeira emprega a técnica da cantiga de amor típica da lírica trovadoresca portuguesa.

A cantiga de amor tem como tema, normalmente, o amor não correspondido e a indiferença da mulher às lamentações do trovador; no poema, ele manifesta a sua "coita" e faz uma reflexão melancólica sobre a própria existência.

O poema de Bandeira compõe-se de seis estrofes de três versos (distico mais refrão), sendo dois octossílabos e o refrão com quatro sílabas; segue a estrutura paralelística sem muita fidelidade ao esquema tradicional (AB/A'B'/BC/B'D/CE/FG). A mulher a quem Bandeira se declara é conotada metonimicamente pelos "olhos verdes"; o erotismo, quase sempre velado nas cantigas de amor, está patente em:

"olhos verdes intersexuais"
 "por quem jurei vos possuir."

E parece mesmo que no verso: "por quem me rompo exausto e só" houve a colagem de um verso do tango de Francisco Canaro "Por ti yo me rompo todo", cujo clima passional, típico daquela espécie musical, casa-se com o de uma canção de Bandeira.

O refrão, na cantiga de amor, nem sempre tem nexo semântico com o assunto da cantiga; no poema de Bandeira o refrão ("Ai, Avatlântica") pode ser entendido como uma palavra formada por AVENIDA ATLÂNTICA, o que vai reforçar a leitura carnavalesca do poema.

Um processo que Bandeira usou com felizes resultados é o da colagem ou montagem, em que se entrecruzam versos do poeta com versos ou frases alheias. Assim foi feita a famosa "Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá", explicada por Sônia Brayner¹¹, e "Satélite", estudado por Maria Luiza Ramos¹².

No poema "Cotovia", Bandeira repete o processo, voltando ao tema da evocação da infância. Seus recursos são o diálogo, o chiste e alguns versos alheios. O poema expressa um diálogo entre o Poeta e uma cotovia que lhe fala dos lugares por onde andou. Chama a atenção o fato de Bandeira ter se utilizado da figura desse pássaro, que se destaca por ser canoro, e não por ser ave migradora, como a andorinha, por exemplo. Na tradição literária, o canto da cotovia anuncia o raiar do sol (cf. cena de Romeu e Julieta), em oposição ao rouxinol, que canta à noite. No plano simbólico, porém, a cotovia representa o voo da terra ao céu e vice-versa, significando com isso a união dos dois pólos da existência. Ela simboliza também o impulso do homem em direção da alegria¹³, o que justifica plenamente a escolha de Bandeira.

As viagens da cotovia se dão por paragens literárias:

"- Líbia ardente, Cítia fria
Europa, França, Bahia..."

"Aurora da minha vida
Que os anos não trazem mais!"

Camões, Casimiro de Abreu e um refrão popular é que fazem os empréstimos a Bandeira. O primeiro foi extraído da fala de Inês de Castro:

"Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente
Onde em lágrima viva eternamente."

(Os Lusíadas, III, 128)¹⁴

A montagem é perfeita, pois os textos de empréstimos ligam-se intrinsecamente ao conteúdo do poema, que expressa a recupera-

ção da "extinta esperança" e da "perdida alegria", ou seja, é mais uma variante da "Evocação do Recife".

Às vezes, a colagem toma realmente um sentido humorístico, como na "Balada das Três Mulheres do Sabonete de Araxá". É o caso do "Noturno da Lapa" (Libertinagem), em que aparecem empréstimos de outras áreas que não só a literatura:

- "Curva cicloidal": expressão da Matemática.
- "morria de espanto": expressão de que não pude rastrear a origem, se um modismo da época, ou de outro autor. Está também na "Balada do Manque".
- "jacto fumigatório": pertence à linguagem técnica, talvez gravado no recipiente ou na bomba de "flit", inseticida muito usado há décadas passadas.
- "busto de Palas", "Lenora": do poema de Poe, "O Corvo"¹⁵.

"Um nobre corvo trepa... em um busto de Palas" (7a. estrofe)

"Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora" (2a. estrofe)

As expressões de áreas diferentes, a descrição do ambiente onde se misturavam o "vento dos lupanares" com o "eco que se partia nas curvas cicloidais, e fragmento do hino da bandeira" incluem o poema na categoria da profanação.

Assim, podemos concluir que Bandeira, sem perder as linhas básicas da expressão de sua sensibilidade, sabe valer-se de categorias do processo de carnavalização em sua feitura poética, o que lhe dá um relevo especial na literatura brasileira.

NOTAS

O texto-base é a edição completa das poesias: BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. Poesias reunidas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

- 1 BANDEIRA, M. Itinerário de Pasárgada. 3.ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1966.
- 2 RONSARD, P. Oeuvres complètes. Paris, Nouvelle Revue Française, 1950. v. 2. p. 814.
- 3 DICKINSON, Emily. Poesias escolhidas. Trad., seleção e apresentação de Olívia Kráhenbuhl. São Paulo, Saraiva, 1965. Texto bilíngüe.
- 4 BANDEIRA, M. Poemas traduzidos. 4.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- 5 SÁ DE MIRANDA, F. Poesias escolhidas. Seleção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa. Belo Horizonte, Itatiaia, 1960.
- 6 BANDEIRA, M. Dois traduções para o moderno acompanhadas de comentários. In:—, BATISTA, M.R. et alii. Brasil: 19 tempo modernista. 1917/1929; documentação. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.
- 7 ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo, Martins, 1966.
- 8 BANDEIRA, M. Tradução pra caçangue precedida de comentários. In:—, BATISTA, M.R. et alii. Op. cit. p. 274.
- 9 BRITO, Mário da Silva. Panorama da poesia brasileira. O Modernismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1959.
- 10 SCHMIDT, A.F. Poesias escolhidas. Rio de Janeiro, Americ-Edit., 1946. p. 89.
- 11 BRAYNER, Sônia. O "humour" banderiano ou As histórias de um sabonete. In:—, Manuel Bandeira, crítica e interpretação. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1980. p. 340-5.
- 12 RAMOS, Maria Luiza. A desmitificação do satélite. In:—, Fenomenologia da obra literária. 3.ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1974.
- 13 Veja-se o verbete "alouette" na obra de CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. Dictionnaire des symboles. Paris, Seghers & Jupiter, 1974. 4 v.
- 14 CAMÕES, L. Os Lusíadas. Lisboa, Imprensa Nacional, 1930.
- 15 Veja-se a tradução de Machado de Assis na obra de FONSECA, Gondin da. Poemas da angústia alheia. Rio de Janeiro, Quaresma, 1931. p. 125-34.